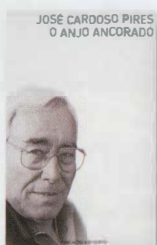


A âncora do medo

50 anos de
O Anjo Ancorado



Maria Lúcia Lepecki, inteligentíssima analista da obra de Cardoso Pires, sublinhou: «No romance de Cardoso Pires é de todo indiscutível o peso poético da palavra, a energia pela qual o verbo cria contraditórias propostas de significação.» (*Ideologia e Imaginário – Ensaio sobre José Cardoso Pires*. Lisboa: Moraes Editores, 1977). Por sua vez, Eduardo Prado Coelho definiu a escrita de José Cardoso Pires como «mitificado e céptica». Romance de paradoxos abraçados, *O Anjo Ancorado* (1958) é um exemplo maior desta qualidade dupla – que implica muitas outras, tão revolucionárias como subtis.

O Anjo Ancorado inova, desde logo, pelo ângulo de visão adoptado: em vez do narrador distante e onisciente, que assinalava a certeza absoluta da mensagem neo-realista, encontramos um narrador que se situa ao nível do olhar dos seus personagens. Deste modo, a claustrofobia existencial de João e Guida, burgueses e urbanos numa sociedade ditatorial que trava os sonhos burgueses como a esperança dos pobres, é, mais do que descrita, filmada através de palavras – com a brutal isenção dos substantivos, que José Cardoso Pires sempre preferiu, ideológica e esteticamente, à complacência dos adjetivos. O romance passa-se numa única tarde em que, à primeira vista, pouco ou nada se passa: essa é outra inovação no panorama do neo-realismo da época, predominantemente épico e atulhado de histórias. Cardoso Pires é frequentemente descrito como um contador de histórias, mas a sua profunda originalidade – e a força do seu talento de ficcionista – consiste, pelo contrário, na criação de personagens cuja humanidade descarnada, cheia de luzes e sombras, sobrevive a qualquer enredo. Por serem exemplares? Não, precisamente pela sua qualidade de frágeis seres humanos, capazes do melhor e do pior, dependendo do momento e das suas circunstâncias. O pano de fundo deste romance – como, depois, de *O Delfim* – é a opressão omnipresente da ditadura. Assim, a tomada de posição pelos personagens (mesmo pelos burgueses supostamente «alienados»), e a adopção de um ponto de vista estilhaçado ou cubista, é uma opção tão política quanto estética (e ética, porque em Cardoso Pires estética e ética são indissociáveis).

«Num dia de Abril de 1957, pela uma hora da tarde, apareceu em certa aldeola da costa um automóvel aberto, rápido como o pensamento.» É esta a primeira frase do romance, um fotograma intenso. Saberemos depois que esse automóvel é vermelho-vivo e que nele passeiam Guida, de 23 anos, e João, de 40. Procuram um espaço de evasão que afinal não existe – São Romão, a aldeia piscatória a que aportam, sobrevive entalada entre as rochas e o mar, e até as suas casas estão, como dirá a páginas tantas Guida, «de mal com o mundo». O narrador acrescenta: «De mal com a terra, pior ainda, com o mar.» Aldeia próxima de Peniche, assombrada pelo «pisar de aviso» do farol que, como o próprio escritor assinala no fim da edição de 1984, sinaliza a presença dos prisioneiros políticos.

Quem é o anjo ancorado? Será Guida, será João, será aquele «amor que não é amor» (como escreveu Antonio Tabucchi), será a criança que tenta vender renda de Peniche, será o velho que tem fome? Será tudo isso – mas, acima de tudo, o país adiado que era (que é ainda, embora o sufoco físico da ditadura se tenha esvaído) Portugal. ■

Inês Pedrosa